

Debates ambientais na perspectiva etnográfica e antropológica dos diálogos Sul-Sul

ENVIRONMENTAL DEBATES FROM AN ETHNOGRAPHIC AND ANTHROPOLOGICAL PERSPECTIVE ON SUR-SUR DIALOGUES

D'Ambrosio, L.* Knoller Adomilli, G. ** Silva Reith, F. *** y Paredes Peñafiel, A ***¹

(Editores)

Apresentação

Neste dossiê abordamos a questão ambiental a partir de uma perspectiva etnográfica e antropológica situada nos diálogos Sul-Sul, buscando o debate e reflexões em torno desse campo a partir de conflitos / relações que extrapolam a categoria socioambiental. Nesse sentido, as etnografias que se apresentam neste número de Tekoporá buscam aprofundar-se em várias perspectivas que contemplam os contextos e processos nos quais a natureza emerge de relações múltiplas, conflitos ontológicos e políticos, tornando visíveis contextos ambientais particulares, bem como as contradições relativas à implementação de projetos de desenvolvimento econômico.

O trabalho conjunto remonta à parceria, iniciada em 2010 entre o Núcleo de Estudos Saberes Costeiros (NECO) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Brasil e o Centro Universitario Regional del Este (CURE) da Universidad de la República (UDELAR) – Uruguai abrindo caminho para desdobramentos de linhas criativas de investigação que impulsionaram, entre outras iniciativas acadêmicas, a edição deste dossiê.

Entre estes desdobramentos, a questão ambiental e as perspectivas ecológicas foram se constituindo como foco principal das interlocuções, ampliando e cruzando redes, culminando em outras conexões em rede de pesquisadoras/es, tendo como marco importante a organização do Eixo temático “Etnografias e Ambientes: Perspectivas Sul-Sul”, que teve lugar na programação da PRE-RAM, no ano de 2019, realizada nas cidades de Pelotas e Rio Grande/Brasil.

A proposição é de “ver as coisas de maneira distinta”, conforme Holbraad (2014), bem como repensar o estatuto teórico-metodológico e ético da prática etnográfica questionando as dicotomias modernas que orientam o projeto de ciências sociais tais como natureza e cultura, corpo e mente, a noção de universo, etc... radicalizando a experiência. Como escreveu Escobar (2012) a crise social e ecológica é uma “crise de pensamento” da modernidade pautada no discurso da ciência que desqualifica a existência de outros mundos em prol da unicidade do

¹ *Centro Universitario Regional Este - Universidad de la República.

** Universidade Federal do Rio Grande.

*** Universidade Federal de Pelotas.

mundo natural, com múltiplas concepções acerca deste mundo. Nessa leitura, não há espaço para a dimensão não humana dentro dos aspectos da política e da cultura já que os mesmos estão encaixados por se situar no polo natureza na dimensão da natureza do pensamento moderno, onde e figuram como recursos a serem explorados.

Mas existem constantes desafios: como dialogar com os interlocutores sem reproduzir uma relação assimétrica de poder (Carvalho, 2001). É assim que, a partir da sua experiência, o que propõe Blaser (2005) é o “diálogo fronteiro” que sugere adquirir novas perspectivas, por meio do diálogo com os interlocutores, que não sejam nem dos interlocutores nem as próprias do pesquisador antes do diálogo. Consistiria em articular elementos a partir de espaços que foram antes separados, ou seja, pressionar aquela fronteira que distingue os acadêmicos e o conhecimento local de uma maneira hierárquica. Na mesma linha de pensamento, a antropóloga De la Cadena (2015) propõe que ao interagir diferentes regimes de relação, o desafio consiste em “estender” o conhecimento a outras possibilidades, sem que exista uma sobreposição de um pelo outro. E esta relação, que pode ser também entendida como uma aliança, uma aliança complexa porque implica interesses “em comum que não são o mesmo interesse” (De la Cadena, 2018), permite tornar o mundo em ameaça na sua multiplicidade cuja fluidez escapa das denominações técnicas. Uma técnica manipulada pelo consorcio Estado-empresa que procura uma solução imediata às reivindicações das populações e que despolitiza a questão de fundo, a defesa de premissas importantes de projetos coletivos de vida que as pessoas querem viver.

Nesse sentido, as disputas em torno de projetos de desenvolvimento estão fadadas a serem conflitos entre diferentes perspectivas acerca de uma natureza. O que se propõe nos debates é pensar o fazer etnografia e o fazer política pelo viés das ontologias relacionais trazendo as coisas, os seres animados e outros entes, que existem, como estabelecendo múltiplas relações (Bateson, 2000). Se Bateson nos traz uma dimensão relacional e sistêmica, essa perspectiva é radicalizada na antropologia ecológica de Tim Ingold (2011), onde tais entes são trazidos à vida por meio de um emaranhado de conexões, associações e interações que formam da vida. Do mesmo jeito que, pensar o pós-desenvolvimento, é estabelecer um olhar crítico a noção de desenvolvimento e seus efeitos pautados no discurso da modernidade, levando a sério os modos de vida das populações locais e suas relações com diferentes mundos.

As abordagens são apresentadas com foco na relação entre diferentes saberes, sentimentos e fazer no meio ambiente, considerando formas singulares de viver e se relacionar entre o ser humano e outras entidades, liberando entidades sensíveis com direito à vida e analisando as insurgências de agentes invisíveis contra os efeitos de um mundo dualista. Busca-se apresentar contextos de conflitos a partir das premissas do que é a vida e de seus protocolos, das resistências em face da contínua submissão de naturezas e coletivos à lógica da acumulação, que conforma a história da América Latina.

Abrimos o dossier com a seção dedicada a conflitos socioambientais, encontramos o artigo de Betty Francia, intitulado: Perspectivas ambientais em disputa e conflito no Alto Maipo e sua comunicação como motivos de oposição ao PHAM, onde a autora aborda o tema da resistência ao Projeto Hidroelétrico Alto Maipo (PHAM) por considerá-lo uma ameaça ao ecossistema da

bacia do rio e da qualidade e disponibilidade de água potável, levada adiante pela Coordenadoria Cidadã dos Rios de Maipo. Neste artigo, a autora combina uma série de pesquisas etnográficas, clássicas e contemporâneas, que apresentam um desafio para o trabalho de campo tal como o entendíamos há algumas décadas. Para isso incorpora ferramentas para conhecer processos de interação nas redes sociais virtuais, com vistas a analisar como o movimento #NoAltoMaipo denunciou essas ameaças de acordo com sua perspectiva ambiental; e as razões para que houvesse uma ênfase nessas denúncias contra a instalação do PHAM.

O outro artigo que integra essa seção, “O rio se como o sangue da gente” Mineração e meio ambiente nos campos do Alto Camaquã”, no qual Vagner Barreto Rodrigues, Daniel Vaz Lima e Flávia Maria Silva Rieth trazem uma reflexão a partir da perspectiva etnográfica sobre a mobilização em defesa do rio Camaquã, no Rio Grande do Sul, a partir de questões colocadas ao longo da construção do Inventário Nacional de Referências Culturais “Lida Campeira” (INRC Lida Campeira) e de trabalho de campo desenvolvido na parte alta da bacia do Camaquã. Apresenta-se aqui uma experiência histórica da mineração local (desenvolvida desde o século XVIII) e o terror resultante deste processo.

A segunda seção, Humanos e Animais é integrada pelo artigo de Magdalena Chouhy e Juan Martín Dabezies, La caza en Centurión. Aproximaciones etnográficas entre cazadores y conservacionistas, que aborda aspectos éticos, epistêmicos e materiais identificados nos discursos e práticas de caça em Paso Centurión (Uruguai). A partir deste trabalho etnográfico os autores dão conta de moralidades diversas, conhecimentos, formas de relação e gestão dos animais, pensando como estes se confrontam e/ou se articulam em uma multiplicidade de formas.

A terceira seção corresponde a temática: Celebrações e está composta pelo artigo Identidad y Comunidad en la Fiesta del Jabalí de Aiguá, de Antonio di Candia Cutinella y Juan Martín Dabezies. Os autores buscam conhecer o processo de definição da identidade como comunidade imaginada do povoado de Aiguá (Departamento de Maldonado, Uruguai) durante a organização, gestão e desenvolvimento da Festa do Javali. Os autores nos convidam a um olhar em torno desta celebração como parte de processos históricos, onde se conjugam as dimensões: ambientais, sanitárias, econômicas, identitárias e culturais.

A quarta seção aborda a Agroecologia, integrada pelo artigo: Agroecologia e autenticidade: estilo de vida e gramáticas locais entre agricultores ecológicos do sul do Brasil, de Guilherme F. W. Radomsky, que trata da relação entre agroecologia, magia e autenticidade a partir de uma pesquisa etnográfica. Radomsky observa como a relação entre o estilo de vida agroecológico e os produtos ecológicos, forma uma trama complexa. Para dar conta desta trama, adentra esta conexão por meio de articulações entre magia, propriedades culturais e eficácia simbólica, enfocando a gramática local dos processos em cena.

A quinta seção dedica-se às pescarias artesanais e é composta por quatro artigos. O primeiro intitulado Articulaciones del conocimiento ecológico desarrollado en las prácticas de la localidad con el conocimiento científico: una etnografía de una pesquería artesanal en Uruguay, é de autoria de Leticia D'Ambrosio, Inti Clavijo, Viviana Cuberos e Gastón Martínez. Trata-se de uma pesquisa etnográfica em torno das relações e vínculos dos atores sociais e seus

conhecimentos em diálogo (e por vezes em conflito), buscando contribuir para a compreensão da complexidade político-social e econômica nos processos de cogestão da pesca artesanal e dando ênfase às articulações entre conhecimentos.

O artigo seguinte Sobre Pesca, Ilhas e Lixo: Notas Etnográficas no Arquipélago dos Pescadores Artesanais de Puerto Gala, Região de Aysen, Chile de Rodrigo Díaz Plá, condensa notas etnográficas com as reflexões do trabalho de campo realizado no arquipélago de Puerto Gala, no sul do Chile, sobre o problema da pesca artesanal, a insularidade e a poluição causada pelo lixo.

O terceiro artigo desta seção: O Peixe Sempre Vence: lições sobre meio ambiente do ponto de vista dos pescadores artesanais, de José Colaço Dias Neto, analisa fragmentos de duas investigações etnográficas realizadas pelo autor em diferentes contextos nacionais: Brasil e Portugal, com o objetivo de compreender a percepção dos pescadores artesanais sobre as suas relações com a gestão ambiental e os órgãos de fiscalização. Destaca-se aí algumas semelhanças nas percepções que os pescadores brasileiros e portugueses têm sobre o meio ambiente.

Já no artigo, de autoria de Lucas Silva, intitulado Navegando sobre lugares.ensaio da percepcao do ambiente através de uma etnografia arqueológica da pesca temos uma pesquisa de cunho etnográfico – arqueológico junto à uma comunidade de pescadores da Barra do Joao Pedro, Rio Grande do Sul. Neste artigo, Lucas circula e descreve ambientes e práticas de pescadores artesanais, em uma abordagem do lugar enquanto espaço vivido em precursos e práticas sociais.

A sexta seção do dossiê é composta por dois ensaios fotográficos sobre a pesca artesanal. O primeiro deles: Pescadoras capturam peixes e liberdade? Narrativa visual de uma experiência etnográfica com uma pescadora embarcada na Lagoa Mirim de Liza Bilhalva da Silva e Gianpaolo Adomilli, apresenta o universo das pescadoras Lagoa Mirim, em especial, no acompanhamento da pescadora Márcia, por meio de imagens e escrita etnográfica. Buscar os sentidos de ser mulher que atua diretamente na pesca embarcada.

O segundo ensaio Seguindo o Trânsito: Movimentos e Caminhos, Fluxos e Águas, de Juliana dos Santos Nunes, diz respeito a um povoado fronteiriço e como este é habitado e praticado. Para isso, emergem histórias mágicas y fantásticas de una fronteira contada a partir do olhar de Aldyr Garcia Schlee, escritor jaguareense que se dedicou a escrever sobre esta pequena cidade, localizada na frontera do Brasil com o Uruguai.

Cerramos o dossier com a a seção Trajetória, com um artigo de Javier Taks, intitulado; Imaginarios del desarrollo y la cuestión hídrica en la industria forestal/celulósica em Uruguay. El caso de UPM, que apresenta a questão da água e de projetos de desenvolvimento no Uruguai, a partir dos debates sobre o reflorestamento e a indústria de papel e celulose, em particular seus efeitos no ciclo hidro social. Taks aborda esse tema pela perspectiva de novos imaginários de desenvolvimento sustentável enquanto processo de mudança nas concepções acerca da paisagem e na proposição de alternativas emergentes. Destaca-se aqui uma antropologia propositiva, conforme nos ensina Ingold (2011), sobretudo na potência desencadeada pela perspectiva imaginativa.

A oitava seção do dossiê consiste no ensaio fotográfico Sementes de resistência. Retratos

da Resistência Além das Árvores, de Pablo Albarenga, fotógrafo documentarista e contador de histórias visuais. Pablo explora questões de direitos humanos na América Latina, dedicando-se a pesquisar, estudar e fotografar o processo de colonização que ainda afeta as populações tradicionais da América Latina. O fotógrafo fala sobre quantas comunidades foram ameaçadas por grandes projetos de desenvolvimento que buscam explorar os recursos naturais disponíveis em seus territórios, como minerais, madeira e agricultura extensiva. Em suas andanças, fotografou as ocupações dos povos indígenas Guaraní Kaiowá, que lutam pela reconquista de suas terras tradicionais.

Referências

Adomilli, G., Quiroz, D. y D'Ambrosio, L. (2017). O tecer de uma rede sul-americana de antropologia marítimo-costeira: relato de uma experiência em andamento. *Tessituras. Revista de Antropologia e Arqueologia*, 5, pp. 171-184.

Bateson, G. (2000). *Steps to an ecology of mind*. Chicago, U.S.A.: University of Chicago Press.

Blaser, M. (2005). Border dialogue: an essay on enlightened critique. *Witchcraft and the politics of difference. Dialectical Anthropology*, 29, pp.129-158.

Carvalho, J.J. (2001). O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, 7(15), pp. 107-147.

De la Cadena, M. (2015). *Earth Beings: Ecologies of practice across Andean worlds*. Durham, Inglaterra: Duke University Press.

De la Cadena, M. (2018). Natureza incomum: histórias do antrope-cego. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (69), pp. 95-117.

Escobar, A. (2012). Cultura y diferencia: la ontología política del campo de cultura y desarrollo. *Wale'keru. Revista de investigación en Cultura y Desarrollo*, 2, pp. 8-29.

Holbraad, M. (2014). Tres provocaciones ontológicas. *Ankulegi*, 18, pp. 127-139.

Ingold, T. (2011). *Estar vivo. Ensaio sobre conhecimento, movimento e descrição*. Petrópolis/RJ, Brasil: Editora Vozes.